



## Subjetividade adolescente como local de fronteira

A Psicanálise dialogando com a adolescência coloca-se sempre frente a uma subjetividade em xeque. O adolescente é um sujeito que se interroga a respeito do real de seu corpo e acerca dos ideais que permeiam a trama de seus laços familiares. Essas duas propostas se dão entremeadas e interpelam o sintoma que o definiu até então e que estava profundamente ancorado nas angústias parentais.

A mudança corporal impõe ao adolescente uma identificação com o corpo adulto de seu pai ou de sua mãe. Sente-se roubado de seu corpo infantil, por ele conhecido até esse momento e que sustentara sua imagem de Ser alguém. A linguagem da mãe, junto ao seu desejo, atravessou de forma especular a sua imagem corporal, dando-lhe um sentido de existência, que se perdeu nos excessos de seu corpo adolescente de modo irreparável. Seus recursos de linguagem não dão conta plena ainda dessa nova experiência e ocorre um desalojamento da vivência gestáltica corporal experimentada em sua infância inicial. O espelho passa a refletir uma imagem estranha, não reconhecida como a sua. Ao mesmo tempo o assombra e o fascina. E, não por acaso, torna-se fonte de longas e repetidas pesquisas, às quais tenta responder: quem eu sou?

Essa interrogação permeia as buscas do jovem curioso e muitas vezes, segundo Rassial (1999), leva-o a procurar despertar o olhar do Outro através do sexual, para descobrir o interesse que pode ainda despertar. Impõe-se, então, outra pergunta, já realizada na infância: o que o outro quer de mim?

Aproxima seu olhar sobre o mundo adulto para interrogar quem é ele e como se coloca frente à vida, registrando suas contradições e falhas



agora, diferentemente da pequena criança que considerava seus pais a perfeição ideal. Dessa investigação não escapa o analista, que mais do que nunca, frente ao adolescente, precisa manter uma fala verdadeira, sem julgamentos e uma postura de respeito à liberdade do jovem na busca de seu próprio desejo.

Tal posição poderá sustentar o outro dilema jovem: separar-se dos ideais paternos e das figuras familiares, com vistas a escapar da endogamia e buscar alternativas fora da família. Entretanto, não se pode esquecer que estes objetos familiares se encontram alicerçados em ligações pré-edípicas e edípicas – portanto, o desligamento será sofrido e com idas e vindas.

No momento em que ocorre a queda dos pais ideais, sem que ainda tenham sido eleitos novos objetos como fonte de admiração, identificações e laços afetivos, podem ocorrer situações de muita angústia novamente e, não por acaso, aí algumas vezes eclodem quadros psicóticos importantes. Nesse momento da queda dos objetos ideais infantis, pode ganhar importância o uso de objetos autistas, como as drogas, a anorexia e as várias formas de adição, na tentativa de driblar essa separação.

A respeito desse tema, afirma Colette Soler (1997) que jamais nos livramos de todo da alienação frente ao desejo do Outro. “A alienação é o destino... É um destino ligado à fala. Mas a separação não é destino. A separação é algo que pode ou não estar presente, e aqui Lacan evoca... um querer... A separação requer que o sujeito *queira* se separar da cadeia significativa” ( Colette Soler, 1997, p. 62). O adolescente é desafiado a querer separar-se.

O desenvolvimento se dá, idealmente, através da construção de uma trama tecida com laços de afeto, consideração e respeito, que poderão dar sustentação afetiva e ser transferidos aos novos objetos distanciados da família. O jovem alcança essa possibilidade a partir dos vários desmames que precisou ir efetivando durante sua vida infantil. Poder-se-ia chamar essas experiências de “castrações”. Lacan é preciso quando afirma que, na rivalidade com o pai, se dá aquele *jogo de quem perde, ganha* ( Lacan, 1981, p. 214). Tais experiências foram permitindo a descoberta de outras formas de gozar. Se esse adolescente não ficou preso a um significante com sentido



fixo, definido e vazio de paradoxos, poderá ir em frente no desejo de se separar, como vemos tantos jovens prosseguir em uma vida adulta com autonomia. Tal conquista exige o movimento de deslocar-se do lugar de ser o desejado para o lugar do desejante, de sujeito que exerce um querer. Seu desejo deixa de ser o desejo do desejo, para ser o sujeito de seu próprio desejo, com todas as consequências que isso implica. Entrecruzam-se novas possibilidades, já que o desejo toma formas imprevistas: é errático, desgarrado, e seu impulso ligado à sexualidade toma a frente neste cenário, conduzindo-o até o dilema da escolha de um objeto de desejo sexual que lhe permita descobrir formas de gozo até então não experimentadas.

Aqui gostaria de realizar um corte, para pensar para além dos adolescentes que chegam aos nossos consultórios e que vivem tais embates resguardados por uma família, nem sempre ideal, mas que pode pelo menos proporcionar um lugar onde viver dentro de razoáveis condições mínimas de segurança e conforto.

Proponho que se possa pensar num outro contexto: nas crianças que vivem em condições de profunda miserabilidade e falta de cuidados, necessitando muitas vezes serem *adultas* para sobreviver. Podemos pensar em mãe e pai drogaditos ou alcoolistas e que têm inúmeros filhos, sem que consigam exercer minimamente a função de cuidadores. Geralmente um menino ou menina mais velhos, mas que não passam de seis ou sete anos, precisam cuidar dos pequenos e mesmo de seus pais. Atendendo crianças institucionalizadas, escutamos com certa frequência afirmações como: *Minha mãe era doente. Também, meu pai incomodava tanto ela! Ela ia lá comprar droga. Eu dizia para ela não fazer mais aquilo! Eu cuidava dos meus irmãozinhos. Não era difícil!*

Como não era difícil, se para mim só escutar tais afirmações era tão difícil? Essas crianças tornam-se adultas antes de se tornarem adolescentes! Como esses processos até agora citados se dão em uma criança com esse tipo de vivência? Que fronteiras das ditas etapas do desenvolvimento conseguimos estabelecer aí? É possível ser um adulto adolescente?



Essas crianças comumente ficam expostas a alto grau de violência. Escuta-se, por exemplo: *Um dia eu tava na rua com a minha irmãzinha – a gente não gostava de ficar em casa –, daí veio um guri com uma arma e botou o revólver na cabeça dela, bem assim ó (mostra). Eu e a minha amiga pegamos a mãozinha dela e saímos correndo, corremos até a casa da minha amiga e ficamos lá.*

E para onde correr quando a violência está em todos os lugares? Recorro, para ilustrar essa situação, ao documentário colombiano *La Sierra*, que apresenta o confronto de grupos de jovens paramilitares lutando entre si ou com a própria organização governamental, que deveria em tese proteger, mas exerce suas forças para tornar a situação ainda mais violenta. Tomo esse documentário porque os jovens de um bairro de Medellín foram filmados, em lugar de artistas. Suas vidas foram documentadas, com filmagens e entrevistas, tendo sido um deles assassinado por homens representantes do governo no final da realização do documentário.

Realidades muito semelhantes, com pequenas variações, aparecem no filme brasileiro *Cidade de Deus* e em outros tantos. Eles expõem crianças e jovens armados impondo-se pela violência. A lei é matar ou morrer; algumas vezes não mata, mas morre pela brutalidade racial ou de outro tipo, exercida muitas vezes pelas autoridades governamentais. A América Latina está repleta de exemplos de força deste tipo, que atinge principalmente crianças e jovens negros, no caso do Brasil.

Destaca-se no documentário colombiano, entre outros tantos fatos, a situação de rapazes de 16 ou 17 anos que, cientes de uma morte próxima, se envolviam com mais de uma garota, as quais engravidavam simultaneamente, para deixar sua continuidade na vida, e os avós reuniam e protegiam essas crianças com carinho, porque representavam a descendência de seu filho.

Essas vidas tão jovens e tão velhas obscurecem as fronteiras da adolescência. Parece que encontramos crianças adultas, jovens velhos e adultos adolescentes, como tantos que, em nossa classe social, a contemporaneidade esquece de amadurecer.



FRONTERAS  
33º CONGRESO  
LATINOAMERICANO  
DE PSICOANÁLISIS

PRIMER CONGRESO  
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE  
2020



Frente ao exposto, destaca-se uma interrogação. Poderá o corpo conceitual da Psicanálise dar conta de realidades tão diversas?

### Referências bibliográficas:

LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 4. A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

SOLER, Colette. “O Sujeito e o Outro II”, in: *Para ler o Seminário 11 de Lacan. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

Feldstein, Richard et all. *Para ler o Seminário 11 de Lacan. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997

RASSIAL, Jean-Jacques. *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.